

PRODUÇÃO ESCRITA: MECANISMOS DE COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAIS

Denise Gabriel Witzel
Departamento de Letras
UNICENTRO, Guarapuava, Paraná.

Resumo. Analisando redações do vestibular de primavera/2000 da Unicentro, apresento, neste trabalho, algumas reflexões em torno da prática de produção de textos. Defendo a idéia de que a falta de habilidade de nossos alunos para produzir textos coesos e coerentes, conforme comprovaram as análises deste estudo, provém de um modelo de ensino de língua portuguesa que não concebe o texto como sendo o cerne de seu trabalho.

Palavras-chave: produção de textos, lingüística textual, redação

Abstract: After analysing Unicentro's spring/2000 pre-entrance-examination compositions, some reflections on text production are presented. I argue that our students' lack of skill to produce well-related, coherent texts, as proved by the analysis, comes from a Portuguese-teaching model that does not conceive the text as the core of its approach.

Key-words: text production, text linguistics, writing

1 - Ponto de partida

Quando se pensa num trabalho sócio-interacionista com a linguagem na escola, no sentido da constituição de leitores e escritores, há que se considerar o texto o cerne do ensino de língua materna, já que é o texto que permite ao aluno perceber e analisar os fatos lingüísticos em situações reais de uso, e não em unidades isoladas. No entanto, verifica-se que a prática de leitura e produção de textos nas escolas recobre, ainda hoje, uma tímida e insatisfatória parcela do ensino de língua. Além disso, a redação continua sendo mero pretexto para a avaliação de correção gramatical.

Para mostrar como a produção escrita de nossos alunos representa o resultado de um ensino que não trata o texto como produto de uma determinada visão de mundo, de uma intenção, de um momento de produção histórica e socialmente marcado, mas

como algo descontextualizado, apenas como um pretexto para a aprendizagem da teoria gramatical, é que proponho o presente trabalho. Meu desafio é entender as dificuldades de escrita que nossos alunos enfrentam. Para tanto, examinarei alguns problemas recorrentes nas redações do concurso vestibular da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), Paraná, realizado em setembro de 2000.

Por que redações de vestibular? Porque acredito que elas sejam um dos sinalizadores do fracasso do ensino de língua portuguesa nas escolas.

Orientando-me por dois conceitos básicos que tratam da organização textual - a coesão e a coerência - procuro mostrar analisar as redações com vistas a encontrar possíveis explicações para os problemas de escrita que os alunos apresentam em seus textos.

Este trabalho está dividido em três partes: inicialmente serão realizadas algumas reflexões sobre a lingüística textual e sobre os recentes avanços dessa área que possibilitam estabelecer condições para que um texto seja um texto; na seqüência buscarei fazer um levantamento dos problemas de coesão e de coerência que são recorrentes nos textos dos vestibulandos e analisá-los à luz dos estudos realizados por HALLIDAY e HASAN (1976), no que se refere à coesão textual, e por CHAROLLES (1978), orientando-me pelo princípio das metarregras propostas por este autor. Por fim, discutirei alguns pontos relevantes sobre o ensino da produção de textos nas escolas.

Cabe ainda acrescentar que os textos que compõem o *corpus* deste trabalho foram cedidos pela Comissão de Concurso Vestibular da Unicentro - Campus de Guarapuava foram selecionados aleatoriamente.

A proposta para a redação do referido vestibular foi a seguinte:

Você vai ler, a seguir, três opiniões colhidas na Folhaequilíbrio de 13 de julho de 2000, em resposta à pergunta:

“Você acredita no que lê no jornal?”

“Eu leio a página de esportes. Daí, é meio difícil desconfiar, né?! Mas, em relação a notícias de política, por exemplo, a gente tem motivos de sobra pra desconfiar”.

Valmir Silva
19, empregador

“De vez em Quando eu desconfio. As matérias podem ser vendidas, depende da formação do jornalista. Uma reportagem pode ser publicada de várias maneiras diferentes”.

Carlo Vergara Caffarelli
66, administrador de empresas

“Eu desconfio, sim. Às vezes, é uma mentira deslavada. Política é uma coisa toda distorcida”.

Luciana Real
64, artista plástica

A partir da leitura dos depoimentos em destaque, componha um texto argumentativo, procurando justificar a descrença do povo quanto à confiabilidade das notícias veiculadas no jornal e posicionando-se, criticamente, sobre o papel dos meios de comunicação de massa.

2 - Lingüística textual

As pesquisas que vêm sendo realizadas pelos lingüistas do texto trazem importantes orientações para que se revejam os critérios de análise de alguns fenômenos lingüísticos que, se tomados de forma descontextualizada, não podem ser entendidos, visto que a sua ocorrência depende de outros fatores, lingüísticos ou não, e que por isso, só podem ser explicados se forem consideradas a unidade textual e as condições de produção.

Ao contrário da gramática tradicional e da lingüística descritivista, a lingüística textual evita, pois, o tratamento da frase e dos demais fenômenos lingüísticos isoladamente, já que considera que o uso da língua acontece em unidades seqüenciadas que formam sentidos globais, interpretáveis numa determinada situação sociocomunicativa.

Isso significa reconhecer que a comunicação entre os homens através da fala e da escrita não se dá por palavras ou frases aleatoriamente lançadas, mas ocorre via texto em situações reais de interação. Tais textos podem ser constituídos por uma única palavra, uma frase ou por um grande número de frases. Não é a extensão a propriedade definidora de um texto, mas o fato de ser, segundo HALLIDAY e HASAN (citado por COSTA VAL, 1994, ?) uma *unidade de linguagem em uso*.

Se a unidade textual não é o resultado de uma mera união de sucessivas frases, uma vez que interferem nessa unidade elementos que, a rigor, pouco tem a ver com os elementos lingüísticos e com os procedimentos gramaticais do texto, é possível verificar que além de apresentar componentes lexicais, sintáticos e semânticos, a organização textual sofre pressões discursivas, e é isto que faz com que os lingüistas de texto considerem-no uma unidade discursiva funcional em contextos de uso, conforme MARCUSCHI (1993).

FÁVERO e KOCH (1994, p.25) ao discutirem as diferentes acepções de texto e de discurso, afirmam que o texto “consiste em qualquer passagem, falada ou escrita, que forma um todo significativo, independente de sua extensão. Trata-se pois, de uma unidade de sentido, de um contínuo comunicativo contextual que se caracteriza por um conjunto de relações responsáveis pela tessitura do texto”.

BERNÁRDEZ (1982, p.85), por sua vez, diz que o texto “es la unidad lingüística comunicativa fundamental, producto de la actividad verbal humana, que posee siempre carácter social; está caracterizado por su cierre semántico y comunicativo, así como por su coherencia profunda y superficial, debida la intención (comunicativa) del hablante de crear un texto íntegro, y a su estructuración mediante dos conjuntos de reglas: las propias del nivel textual y las del sistema”.

A partir disso pode-se afirmar que o texto, ou discurso, é uma manifestação lingüística que apresenta uma unidade de sentido com efeitos comunicativos, ou seja, um texto exige, ao mesmo tempo, um locutor e um receptor, e ele só pode ser reconhecido como tal num processo de interlocução.

Os estudos realizados no âmbito da lingüística textual possibilitam análises dos mecanismos da coesão no nível microestrutural do texto, na sua estrutura de superfície, e análises dos mecanismos da coerência no nível da macroestrutura textual ou estrutura

profunda que é, segundo VAN DIJK (citado por FÁVERO, 1994, p.80), “a representação semântica global que define a significação do texto como um todo”.

Face a isso, considero que a lingüística textual abre um pertinente espaço para que se investiguem as questões referentes aos problemas de coesão e coerência nas produções escritas de nossos alunos. Justifica-se, assim, a opção teórica para a abordagem dos textos que compõem este trabalho.

Padrões de textualidade

Dentre os trabalhos dos estudiosos da lingüística textual, destacam-se os de BEAUGRANDE e DRESSLER (1980). Esses autores estabelecem sete padrões de textualidade, isto é, padrões que fazem com que uma seqüência lingüística seja um texto. São eles: intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, coesão e coerência. É a textualidade, vale dizer, que diferencia um texto de um não-texto.

Conforme os objetivos deste trabalho, tratarei somente dos fenômenos da coesão e da coerência textuais.

Denomina-se coesão “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos lingüísticos presentes na superfície textual se encontram interligados, por meio de recursos lingüísticos, formando seqüências veiculadoras de sentidos” (KOCH, 1997, p.35). Trata-se, pois, de elementos lingüísticos semanticamente interdependentes, observáveis na superfície textual, responsáveis pelas relações intra-sentenciais e inter-sentenciais, que estabelecem entre as partes do texto relações de sentido. A coesão é claramente revelada através de marcas lingüísticas, índices formais que estão na estrutura superficial da seqüência lingüística.

O fenômeno da coesão textual foi estudado detalhadamente por HALLIDAY e HASAN. Segundo estes autores, os mecanismos que estabelecem a coesão de um texto são: a referência, a substituição, a elipse, a conjunção (conexão) e a coesão textual.

KOCH (1997), revendo a proposta de HALLIDAY e HASAN, afirma que há apenas duas modalidades de coesão, quais sejam: a remissão e a seqüenciação.

A remissão, ou coesão referencial, esclarece essa pesquisadora, se dá no nível léxico-gramatical do texto pois a retomada de referentes, bem como a antecipação, ocorrem através (i) de *palavras gramaticais* que podem ser as pronominalizações, as definitivizações, os numerais e os advérbios pronominais; e (ii) de *palavras de natureza lexical* sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos, descrições definidas.

Quanto à coesão seqüencial, verifica-se que há elementos textuais que fazem o texto avançar, progredir. São responsáveis por esse tipo de coesão, por exemplo, os conectores ou operadores discursivos, que estabelecem na progressão textual uma relação semântica implicando uma causa, uma finalidade, uma conclusão,... com vistas a uma dada orientação argumentativa. Além desses, KOCH considera coesão seqüencial as

recorrências de termos, de estruturas, de conteúdos semânticos, de elementos fonológicos ou prosódicos e de tempos verbais.

Como vimos, um texto, reconhecível enquanto tal, é algo mais do que uma simples combinação de palavras e frases, já que forma uma unidade de sentido que lhe dá coerência. Uma unidade textual não resulta, pois, apenas da concretização de regras sintático-semânticas, nem tampouco da concatenação de elementos coesivos dispostos ao longo do texto. É necessário, antes, haver coerência.

É essa, de fato, que faz com que uma seqüência lingüística se constitua num texto, já que a textualidade depende fundamentalmente dela. KOCH (1997, p. 41) explica que a coerência diz “respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. Sendo a coerência responsável pelo sentido do texto, é ela que vai garantir que o texto seja interpretado pelos leitores/ouvintes, constituindo-o num todo significativo. Com outras palavras, pode-se afirmar que a coerência é a responsável pela continuidade de sentidos perceptível num texto, resultando de uma conexão conceitual.

3 - Análise da coesão e da coerência

A coerência será analisada de acordo com as proposta de Michel Charolles. Esse lingüista, no seu famoso artigo “Introduction aux problèmes de la cohérence des textes”, apresenta um modelo de análise de textos, enfocando critérios que permitem ao professor ser mais preciso ao avaliar a coerência de um texto. Trata-se de uma reflexão sobre as estratégias de intervenção do professor em textos produzidos pelos alunos e julgados, por esse professor, como incoerentes. Charolles concluiu que as práticas pedagógicas nas avaliações dos textos, são realizadas sem um conhecimento efetivo do sistema de regras a partir do qual certos textos são considerados incoerentes.

Propôs, então, quatro metarregras de coerência textual, quais sejam: metarregra de repetição, metarregra de progressão, metarregra de não-contradição e metarregra de relação. Vejamos alguns exemplos da aplicação dessas metarregras nos textos selecionados para este trabalho.

Metarregra de repetição

Um texto, para ser coerente, deve apresentar, em seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência que garantam a continuidade de sentido. Tal recorrência se dá, necessariamente, por meio de elementos de coesão textual.

Dentre os elementos de coesão referencial (remissão) que contribuem na coerência do texto, destacam-se nos estudos de Charolles, a pronominalização, a definitivização, as referências dêiticas, as substituições lexicais, as recuperações pressuposicionais e as retomadas de inferência.

Quando há, no texto, o uso indevido da pronominalização, em que não fica clara para o leitor a relação coesiva entre o referente e o elemento de coesão, tem-se, a rigor, uma característica do texto mal-formado. Embora a pronominalização seja um recurso valiosíssimo dentro do texto, pois um pronome pode recuperar ou antecipar seja uma palavra, seja um sintagma inteiro, quando mal empregada, ela pode dificultar a constituição do sentido intencionado pelo produtor. É o que ocorre no exemplo abaixo.

Na luta constante, em que vivemos hoje, um buscando ser melhor do que o outro, temos muito o que desconfiar. Não só nos jornais mas no meio de comunicação em geral.

Pois isso leva muitas vezes a almentarem ou até mesmo inventarem fatos. Sem contar que a realidade, em muitos casos, é clara, e eles omitem isso, sendo comprados por políticos (...)

Nesse texto há um problema de pronominalização flagrante no segundo parágrafo. Inicialmente, ocorre o uso de duas elipses do pronome “eles”: Æ “almentarem” e Æ “inventarem”. Na seqüência o pronome está explícito: “eles omitem”. Podemos, pois, perguntar: “eles” quem? já que não há no texto nenhum referente que permita ao leitor estabelecer uma relação de sentido, ficando, dessa forma, sem saber de que se está falando. Ou seja, o pronome “eles” não recupera nem antecipa nenhum elemento textual.

Concordo que, com algum esforço, o leitor consegue inferir pelo contexto que o pronome *eles* deve referir-se a *jornalistas* ou algo parecido, pois o tema do texto bem como a argumentação pretendida pelo produtor nos permitem chegar a essa hipótese. No entanto, isso não fica claro e o uso inadequado do elemento de coesão compromete a coerência do texto.

Um outro problema observado nas redações, também relacionado ao mau uso de elementos de coesão anafóricos associados a problemas de repetição dentro de um texto, diz respeito ao uso indevido de formas como *os mesmos* e *referido*. Cabe aqui destacar o que diz ABREU (1990, p. 12) sobre o insistente uso dessas formas nos textos de muitas pessoas. Observa, esse autor, que “a maior parte das pessoas constrói razoavelmente a textualidade na língua oral, mas, quando se trata de escrever um texto, as únicas palavras para coesão são **mesmo** e **referido**”. O autor considera isso um “desagradável procedimento”.

De fato, em muitas redações pude verificar o uso dessas formas coesivas. No entanto, o que chama a atenção é justamente o mau uso que alguns produtores fazem desses recursos, criando, no texto, ambigüidades. Examinemos o seguinte trecho: “Hoje para ter um empreendimento lucrativo é preciso se diferenciar e inovar a todo momento. Mas várias pessoas que se dizem profissionais usam do sensacionalismo nos fatos e a falta da verdade para obter as notícias, o que põe em risco a credibilidade das mesmas”.

O problema desse trecho é o emprego do anafórico “as mesmas” que pode recuperar dois referentes, quais sejam: “*peçoas*” e “*notícias*”. Tem-se, portanto, uma ambigüidade, pois tanto um referente quanto outro pode ser considerado.

Vejamos, agora, o seguinte trecho:

Nos jornais lidos pela maioria dos brasileiros está sendo de muito aproveitamento dependendo do assunto, pois quando o fato já aconteceu não tem como mentir, a cada jornal o assunto muda o formato pois o assunto é o mesmo, mas quando a notícia é daquelas que se trata de política aí não tem como confiar em uma frase se quer, pois quem tem mais dinheiro compra o responsável e vai parar no jornal o que ele quer, e não pelo que as pessoas querem ler. O jornal é um meio onde é colocada notícia livre para quem quer ler pois as pessoas não exigem assuntos verdadeiros ou não.

Eis acima um exemplo de um texto que pode ser considerado, no mínimo, problemático. Não há nesse trecho articulações que possam dar-lhe coerência. Já no início do parágrafo, constata-se uma desestruturação sintático-semântica acentuadíssima que não permite uma clara recuperação de sentidos, pois ao ler “Nos jornais lidos pela maioria dos brasileiros está sendo de muito aproveitamento dependendo do assunto, pois quando o fato já aconteceu não tem como mentir” o leitor tem muita dificuldade em perceber a intenção comunicativa do produtor. Outros exemplos são facilmente recuperáveis ao longo desse parágrafo. Porém, gostaria de chamar a atenção para um outro problema, também muito comum nas redações dos alunos.

Trata-se do mau uso da coesão lexical. Não raro, os alunos fazem excessivas repetições de um mesmo termo, sem se dar conta que há, na língua, várias formas de se evitar isso. A coesão lexical, como o próprio nome indica, é uma maneira de fazer a repetição por meio de seleção de vocabulário. Para tal fim, podem-se utilizar sinônimos, hiperônimos, ou privilegiar outro tipo de coesão referencial.

No trecho acima, encontramos a palavra “assunto” repetida quatro vezes. Embora seja difícil conceber algum significado para esse fragmento, verificamos que o entendimento fica ainda mais comprometido pelo excesso de palavras repetidas que, nesse caso, não apresentam sequer a mesma carga semântica. Ao lermos “a cada jornal o assunto muda o formato pois o assunto é o mesmo”, temos a impressão de que o produtor desconhece o sentido da palavra “assunto”.

Outra maneira de conseguir coesão num texto é por meio de recuperações pressuposicionais, isto é, recupera-se um conteúdo semântico não manifestado, mas presente na estrutura subjacente do texto, assegurando-lhe a coerência.

No nosso trecho problemático também podemos encontrar um exemplo em que uma idéia, que deveria pressupor algum outro conteúdo semântico explícito no texto, é simplesmente colocada sem que haja qualquer recuperação pressuposicional. Observemos a frase: “quem tem mais dinheiro compra o responsável e vai parar no jornal

o que ele quer” (...). É impossível saber de que “responsável” o texto está falando já que não há no texto nenhuma pista, nenhum elemento referencial com o qual o leitor possa fazer a relação de pressuposição. Acrescente-se, ainda, a falha no uso do pronome *ele* que, igualmente, não tem um referente claro no texto.

Até aqui apresentei alguns problemas de coerência que resultam do mau uso de mecanismos de coesão textual. Portanto, são problemas reconhecíveis no nível microestrutural que, logicamente, interferem na coerência global do texto.

Na seqüência, passo a verificar um texto em que fica evidente a falta de continuidade entre as idéias e os conceitos apresentados. Vamos a ele:

Verdade ou não... eis a questão

O mundo está passando por inúmeras transformações. Não há praticamente nenhuma barreira entre uma cidade e outra, ou, entre países. Isso ocorre devido os variados meios de comunicação que nem sempre é utilizado de forma honesta.

Com o surgimento dos jornais, das rádios, das televisões e da famosa “Internet”, as pessoas na maioria das vezes, apresentam-se bem informadas, sobre os mais importantes assuntos. Mas, não deixam de lado a desconfiança, do que realmente é verídico nesses acontecimentos. Afinal é o mundo em si, que faz com que essas pessoas pensem dessa maneira, devido as trágicas ocorrências.

Esses mesmos meios de comunicação, são vistos em alguns casos, somente por motivo de diversão, ou pior, muitas pessoas fazem uso desses meios, apenas para poderem, de certa forma prejudicar alguém, ou se sair bem em determinada situação.

Portanto, as pessoas que integram esse mundo, principalmente os que trabalham nesse ramo, deveriam conscientizar-se, fazendo com que haja uma melhor convivência entre os seres humanos.

O texto em foco possui 4 parágrafos que não mantêm entre si uma continuidade de sentido, apresentando, pois, falhas relativas à metarregra da repetição. Por isso, não é fácil reconhecer no texto o fio condutor que deveria perpassá-lo como forma de garantir a sua coerência tanto microtextual quanto macrotextual. As idéias são lançadas sem que sejam feitas as devidas retomadas.

Inicialmente há o título “Verdade ou não... eis a questão” que não mostra uma nítida relação de sentido com as idéias desenvolvidas ao longo do texto. Esse título, que é uma imitação do clássico shakespeariano *To be or not to be, that's the question*, até pode despertar o interesse do leitor sobre o texto, mas não contribui na construção dos sentidos que se seguem. Isso se dá porque o produtor não tratou da oposição verdades / mentiras na sua argumentação, tampouco teceu considerações sobre essa problemática. Houve apenas uma menção rápida no primeiro e segundo parágrafos, sem contudo se fazer uma explanação mais consistente que pudesse dar ao texto uma continuidade.

No primeiro parágrafo, são apresentadas as idéias de que (i) “o mundo está passando por inúmeras transformações” e de que (ii) “não há praticamente nenhuma barreira entre uma cidade e outra, entre um país e outro”. E os responsáveis por isso são, conforme o que está evidenciado na linha 3, “os meios de comunicação”. Até aqui é possível acompanhar o raciocínio do produtor. No entanto, quando ele acrescenta o fato de que esses meios de comunicação nem sempre são utilizados de forma honesta, fica difícil entender o que isso tem a ver com o fato de o mundo estar passando por transformações e com o fato de não haver mais barreira entre as cidades. O que se observa, pois, é uma nítida desarticulação entre as partes.

Na seqüência, o texto apresenta novas idéias sem contudo recuperar o que já foi dito. Isso dificulta a sua interpretação, pois o leitor fica na expectativa de que sejam esclarecidos os motivos que levaram o produtor a afirmar que os meios de comunicação não são utilizados de forma honesta. Mas isso não acontece.

Há, ainda no segundo parágrafo, um enunciado cujo sentido está bastante comprometido. O leitor deve se perguntar o que quer dizer a expressão o “mundo em si”, ou de que “trágicas ocorrências” o autor está falando. Evidências como essas fazem o texto beirar o limite do não-texto, já que é praticamente impossível atribuir algum sentido a essas colocações.

No terceiro parágrafo, embora o produtor inicie recuperando pelo hiperônimo “meios de comunicação” elementos destacados anteriormente, ele não consegue estabelecer nenhuma continuidade e segue fazendo afirmações vagas e desarticuladas tais como “pessoas que integram esse mundo”(!).

Na conclusão, evidencia-se o uso do marcador coesivo “portanto” que deveria dar a devida orientação argumentativa, conduzindo o texto para um desfecho. Porém, não há nenhuma relação entre o último parágrafo e qualquer outro apresentado no texto. Além disso, no final, o produtor abusa de um velho clichê quando diz “fazendo com que haja uma melhor convivência entre os seres humanos”.

Ressalte-se ainda o mau uso dos pronomes demonstrativos. Sabe-se que o uso desses pronomes é um dos recursos lingüísticos disponíveis na língua para se estabelecer, no texto, cadeias coesivas que possam garantir a continuidade de sentido através da repetição. O que se pode observar no exemplo acima é que o produtor usou excessivamente tais pronomes para retomar itens ou frases inteiras do texto. Recuperando os anafóricos utilizados temos: “isso ocorre”; “nesses acontecimentos”; “essas pessoas e dessa maneira”; “esses mesmos”; “esse mundo”; “nesse ramo”. Há aqui dois tipos de problemas: o primeiro deve-se à falta de habilidade do produtor para diversificar os anafóricos, tornando o texto cansativo e comprometendo a sua aceitabilidade. O segundo problema está no fato de as relações anafóricas estabelecidas pelos demonstrativos serem imprecisas, pois observa-se que o leitor não consegue identificar com clareza o referente de “nesses acontecimentos”, “dessa maneira”, “esse mundo” e “nesse ramo”.

Metarregra da progressão

Um texto coerente deve conter em seu desenvolvimento uma contribuição semântica constantemente renovada. Essa regra complementa a primeira, porque, além de o texto apresentar constantes repetições de forma a garantir o encaixe coerente das idéias, ele deve também progredir, apresentar informações novas.

Há, no texto que segue, um exemplo de transgressão da metarregra da progressão: Vejamos:

A Verdadeira Realidade

O povo deixou de acreditar nas notícias veiculadas no jornal, porque sabe que os meios de comunicação de massa interferem na opinião e no pensamento da mídia, publicando as notícias conforme os seus interesses, deixando de mostrar a realidade dos fatos e distorcendo as notícias.

Os jornais tem como maior objetivo transmitir a realidade para o povo, porém não é isso que está acontecendo. O jornal deixou de ser fonte segura de notícias e passou a manipulá-las, influenciando na opinião da grande maioria da população, ou seja, o povo deve agir e pensar conforme os interesses das autoridades. O jornal que no caso deveria informar ao cidadão a realidade dos fatos acaba deixando-o alheio a verdadeira situação política e econômica do país.

A realidade de uma notícia deve ser verificada sob diversos pontos de vista. O jornalista, independente da fonte real dos acontecimentos, pode interpretar uma situação de várias maneiras deixando o leitor sem opção de certificação dos fatos escritos. Cabendo, assim, ao cidadão acreditar ou não nas notícias transmitidas.

Portanto, podemos concluir que, os meios de comunicação de massa tornaram-se fontes de manipulação e distorção de notícias, fazendo com que o povo fique descrente quanto à realidade dos fatos, transmitidos através dos meios de comunicação.

Trata-se de um texto que apresenta a seguinte idéia no primeiro parágrafo: “O povo deixou de acreditar nas notícias veiculadas no jornal, porque(...) (publica) as notícias conforme os seus interesses, deixando de mostrar a realidade dos fatos e distorcendo as notícias”. Na seqüência, não aparece nada de novo, isto é, essa idéia é parafraseada, repetida ao longo de todo o texto.

O segundo e o terceiro parágrafos deveriam apresentar argumentos que explicassem ou analisassem a idéia posta em discussão na introdução. No entanto, as poucas referências sobre o porquê de as pessoas não acreditarem nas notícias veiculadas no jornal são insuficientes para fazer o texto progredir e são, de fato, clichês que impedem o texto de sair do lugar comum. Observa-se que, quando o produtor diz que “os jornais tem como maior objetivo transmitir a realidade(...) porém não é isso que está acontecendo”, ele está dizendo a mesma coisa que (i) “deixando de mostrar a realidade dos fatos”; (ii) “o

jornal deixou de ser fonte segura de notícias”; (iii) “o jornal que no caso deveria informar ao cidadão a realidade acaba deixando-o alheio à verdadeira situação” (...); (iv) “a realidade de uma notícia deve ser verificada sob diversos pontos de vista”.

Podemos afirmar que o único conteúdo semântico observável nesse texto é o fato de as pessoas não acreditarem mais nos jornais porque estes manipulam as notícias conforme seus interesses. A partir disso tudo é parafraseado.

Uma outra evidência que prova a falta de progressão desse texto diz respeito ao uso excessivo da palavra “realidade”. Ela aparece no título e em todos os parágrafos, sendo que no segundo ela é empregada duas vezes. Esse é mais um índice de que a redação está tratando, em todos os parágrafos, da mesma idéia: o jornal não mostra a realidade.

Textos assim apresentam uma circularidade do discurso, isto é, o produtor enuncia uma ou duas idéias e fica, na seqüência, dando voltas em torno delas, não saindo do lugar, não acrescentando nenhuma idéia nova ou argumentos que sustentem o que foi enunciado. Isso acontece, não raro, quando o aluno não sabe o que dizer sobre um determinado tema e se vê obrigado a preencher um limite mínimo de linhas. Tal procedimento é conhecido por ‘estratégia de preenchimento’ e é bastante comum nas redações escolares, bem como nas redações do vestibular, pois a própria condição de produção desses textos possibilita que o aluno/candidato recorra a um recurso de salvação, já que não há interesse sobre o tema ou não se tem argumentos e idéias para fazer o texto progredir.

Vale acrescentar que a redação de que estamos tratando traz boas marcas coesivas e o produtor demonstra ter um bom domínio do padrão escrito da língua portuguesa haja vista o uso adequado de mecanismos de coesão seqüencial, além do emprego correto dos seguintes elementos de coesão referencial (pronominalizações): “seus interesses” cujo referente é “notícias”; “isso” que recupera todo o sintagma anterior; “manipulá-las” cujo referente é a palavra “notícias” que aparece na mesma linha; “deixando-o” que retoma “cidadão”.

Porém, isso não garante a unidade global do texto, já que o bom uso das marcas formais destacadas acima não contribuem para que as seqüências lingüísticas sejam significativas. O fato de o texto não progredir, apresentando uma monótona repetição dos conteúdos semânticos abordados, permite-nos concluir que se trata de um texto mal elaborado, porque transgredir a metarregra da progressão.

Metarregra da contradição

Observe-se o texto abaixo:

Saber o que se lê

A população não está acreditando nas notícias que leem nos jornais de hoje, pois não tem como saber se as fontes são seguras ou verdadeiras por isso que há uma descrença na leitura de jornais.

A política é uma das questões que surge maior desconfiança dos leitores, pois é muito difícil crer em um político que faz tantas promessas e não as cumpre, porque são muitos os corruptos que é impossível acreditar que exista algum honesto. A maioria das notícias publicadas nos jornais pode-se dizer que são falsas, um bom exemplo são as pesquisas para saber quem está em primeiro, como pode um candidato subir muitas colocações da noite para o dia, cada um vai defender a sua posição.

Por outro lado as notícias como esporte, cultura, arte, programação de novelas e acontecimentos no mundo em geral pode-se confiar, são acontecimentos que se lê e sabe que pode acontecer, como a tabela de jogo de um campeonato de futebol, disso não se tem dúvidas.

Portanto, precisa-se saber sobre o que se lê ou está lendo para não se enganar e não ficar para trás no que não é verdade, o bom é ler o que traz alguma informação útil e cultural.

Charolles afirma que um texto coerente não pode apresentar nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou deduzível por inferência.

Em nosso exemplo há uma evidente contradição: no primeiro parágrafo o produtor afirma que “não tem como saber se as fontes são seguras ou verdadeiras” e no último parágrafo ele conclui que “precisa-se saber sobre o que se lê ou está lendo para não se enganar e não ficar para trás no que não é verdade”. Ora, se antes se admite que não há como saber se as fontes (dos jornais) são seguras ou não, como é que depois se afirma que as pessoas devem saber se aquilo que estão lendo é verdade ou mentira? Nesse texto as idéias do produtor são absolutamente contraditórias o que fere a coerência do texto.

Ainda com relação ao texto acima, não poderia deixar de chamar atenção para os problemas referentes às estruturas sintáticas das frases. Algumas, como em (...) “um político que faz tantas promessas e não as cumpre, porque são muitos os corruptos que é impossível acreditar que exista algum honesto”, apresentam acentuada desestruturação devido ao mau uso dos articuladores coesivos, associados a problemas de pontuação, concordância e regência. A organização caótica de frases como essa compromete a apreensão do sentido do texto, o que o torna contraditório, confuso e desestruturado.

Metarregra de relação

Para que um texto seja coerente, segundo Charolles, é necessário que os fatos que denotam no mundo representado estejam diretamente relacionados. Trata-se, pois, de uma regra de natureza pragmática uma vez que se refere às ações, estados, acontecimentos ou idéias denotados pelo texto e que devem ser percebidos como congruentes no tipo de mundo reconhecido por aquele que o avalia.

Com outras palavras, pode-se afirmar que em sua organização pragmática, o texto coerente deve atentar para princípios que extrapolam os fenômenos lingüísticos

propriamente ditos, fazendo intervir elementos do contexto, além das experiências e do conhecimento de mundo dos interlocutores.

Muitas das redações utilizadas para este trabalho mostraram sérios problemas de relação, pois, ou por falta de informação, ou por não conseguirem se expressar de forma clara, os produtores abusam de afirmações que não se relacionam entre si, isto é, que não são congruentes, e de dados que não podem ser aceitos se consideradas as nossas experiências e nossa representação de mundo ordinário.

Tomemos como exemplo o texto abaixo que apresenta uma clara desarticulação entre os enunciados, infringindo, dentre outras, a metarregra da relação.

“Você acredita no lê no jornal”

O jornal é necessário para que todos leiam porque existem reportagem sérias e outras não.

Na maioria das vezes eles não trazem uma matéria perfeita para o jornal e é aí que sai muitas mentiras sobre os governantes.

De vez em quando eles querem vender suas reportagem nem pensam no que está escrito por causa do dinheiro.

Da maneira que vai indo nosso país precisamos mudar a maneira de agir e pensar que está tudo acabado. Mas sim ter atitudes que isso não vai acontecer de maneira nenhuma porque se lutarmos tudo vai correr bem no instinto pessoal de cada um de nós que queremos um Brasil cheio de mudanças para cada vez melhorar mais um pouco, pensar que não existe barreiras nem pedras em nosso caminho e sim tocar o barco para frente sem falsas reportagens e calúnias nas pessoas inocentes.

Se num texto, uma idéia deve ajudar a outra para se constituir um possível sentido global, percebemos que na redação acima isso não acontece. A falta de articulação é evidente tanto nas relações interfrasais quanto nas intrafrasais. São inúmeras as vezes em que um operador do discurso, isto é, um conector que deveria ser o responsável pela concatenação, ou relação entre as partes do texto, é mal empregado.

Inicialmente, quando o produtor afirma que “O jornal é necessário para que todos leiam porque existem reportagem sérias e outras não”, constatamos a falta de relação entre os períodos, agravada pelo mau uso da conjunção explicativa “porque”. O fato de existirem reportagens sérias e outras que não são sérias não pode ser usado como explicação para o fato do jornal ser necessário. Portanto, não existe nenhuma relação entre essas partes.

Verificamos novamente, no segundo parágrafo, um problema na relação entre os enunciados. Trata-se da falta de um conector discursivo adequado para ligar as seqüências uma vez que não faz o menor sentido relacionar o primeiro enunciado que diz “Na maioria das vezes eles (os jornais?) não trazem uma matéria perfeita para o jornal”, com o segundo enunciado que diz “sai muitas mentiras sobre os governantes” utilizando-se da expressão “e aí”. Embora não saibamos muito bem o que significa uma *matéria*

perfeita temos que admitir que o mais correto seria ligar esses enunciados com um conector que estabelecesse uma relação explicativa. Penso que “muitas mentiras” deva ser a consequência dos jornais não trazerem uma matéria perfeita, e que esta seria, por sua vez, a causa.

No terceiro parágrafo falta uma contrajunção entre os enunciados, pois seria preciso haver um conector que contrapusesse os enunciados que apresentam uma orientação argumentativa contrária. Ao enunciar “nem pensam no que está escrito por causa do dinheiro”, o produtor teria de estabelecer a relação com o enunciado anterior utilizando-se de uma conjunção adversativa (mas, contudo, ...).

O último parágrafo é tão complicado quanto os outros: ora faltam elementos de coesão ora ele é usado indevidamente. Em “Da maneira que vai indo nosso país precisamos mudar a maneira de agir e pensar que está tudo acabado” a articulação entre as sentenças não é clara. O leitor não consegue identificar se a afirmação é que se deve, ou não se deve, pensar que tudo está acabado. Isso se dá pela ausência de um conector que relacione adequadamente as intenções pretendidas. Na seqüência o problema é o mesmo, com um outro agravante: o produtor além de não articular as idéias, faz afirmações absurdas, tais como: “porque se lutarmos tudo vai correr bem no instinto pessoal de cada um de nós”. É impossível atribuir qualquer significado a uma afirmação como essa. A impressão que se tem que as idéias foram lançadas aleatoriamente, ao acaso, sem qualquer reflexão.

Posto isso, o que temos é um texto sem nexos, desarticulado, e, portanto, sem coerência. Nele, causas e consequências se misturam, resultando algo tão confuso que poderia ser considerado um não-texto.

IV - Considerações finais

Minha intenção, neste trabalho, não foi fazer um diagnóstico exaustivo dos problemas de coesão e coerência das redações do vestibular da Unicentro. Por isso, atentei apenas para as ocorrências que, além de acarretarem problemas nas produções escritas dos candidatos, fossem mais significativas e mais recorrentes nos textos analisados.

As redações aqui apresentadas e analisadas atestam a inabilidade de muitos candidatos no manejo da língua escrita. Sem dúvida, tais textos deixam claro que a escola falha no ensino da escrita, pois um aluno que passa, no mínimo, 11 anos freqüentando aulas de língua portuguesa, deveria saber articular um texto utilizando os mecanismos de coesão textual adequadamente, percorrendo estratégias discursivas que pudessem garantir a coerência de seu texto.

E isso ocorre provavelmente porque a prática de produção de textos na sala de aula ainda é uma atividade esporádica. Além disso, ela, a produção de textos, é muitas vezes precedida de uma atividade inconsistente de leitura e de estudos da teoria gramatical, que visam a preparar os alunos para a redação. Uma vez produzido o texto, este é tomado como um produto a partir do qual se avalia o domínio da escrita em sua variante padrão.

Acredito que essa situação se dá não porque os professores não aceitam as propostas interacionistas para o ensino da língua, mas porque a questão da produção de textos é algo que aflige esses professores. E um dos maiores problemas está no fato de não saberem, talvez, como (i) propor atividades que rompam o artificialismo de uso de língua e (ii) avaliar tais textos.

Do outro lado estão os alunos que apresentam, não raro, uma reação negativa, de aversão, quando o assunto é *redação*. E é este justamente o problema. O que se tem feito nas aulas de língua portuguesa são práticas de redação cujo modelo é aquele *escolarizado* em que o aluno deve desenvolver um certo tema / assunto pelo qual, muitas vezes, não se interessa, num determinado número de linhas, tomando cuidado para não fugir às normas da escrita e tendo em conta que há, no papel de interlocutor, um professor avaliador que versará severas punições caso a redação não seja considerada ‘boa’. Nesse modelo, o aluno deixa de produzir textos e passa a fazer redações, isto é, ele deixa de dizer a sua palavra para realizar uma exigência da escola. É assim, lamentavelmente, que o aluno forma, no cotidiano das aulas de português, uma imagem da escrita.

Quando tratamos do conceito de texto, vimos que este é uma manifestação lingüística que possui uma unidade de sentido com efeitos comunicativos, posto que o seu sentido somente pode ser construído durante a interação. Ora, qual é o efeito comunicativo dos textos produzidos pelos alunos se a prática de produção de textos acontece tal como foi mostrado acima? Qual é o destino desses textos?

Com base nas atuais propostas para o ensino de língua materna, pode-se concluir que, para o ensino/aprendizagem de uma língua ser eficaz, é fundamental que o trabalho com o texto na sala de aula propicie o uso da linguagem em situações concretas de interação. Assim, o aluno poderá entender e produzir enunciados percebendo as diferenças entre uma forma de expressão e outra, testando e avaliando as inúmeras maneiras de se expressar por escrito, adequando sua linguagem e produzindo textos cada vez mais elaborados.

Os avanços conquistados pela lingüística textual podem contribuir para que os professores consigam mudar de perspectiva e, conseqüentemente, de método, passando, pois, a considerar o texto o cerne do trabalho com a língua.

Referências

ABREU, A. S. *Curso de redação*. São Paulo: Ática, 1990.

BASTOS, L. K. *Coesão e coerência em narrativas escolares*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. *Introduction to Text Linguistics*. New York: Longman, 1980.

- BERNARDEZ, E. *Introducción a la Lingüística del texto*. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1982.
- CHAROLLES, M. Introduction aux problèmes de la coherence des textes (Approche théorique et étude des pratiques pédagogiques), In *Langue Française* (38), 1978, p.7-41.
- COSTA VAL, M. da G. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- FAVERO, L. & KOCH, I. G. V. *Lingüística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortes, 1994.
- HALLIDAY M.A.K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- ILARI, R. *A lingüística e o ensino da língua portuguesa*. São Paulo: Pioneira, 1985.
- KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L.C. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____, *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- MARCUSCHI, L. *Lingüística de texto: o que é e como se faz*. Série debates 1. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1986.
- _____, Produção e compreensão de texto no ensino de língua: perspectiva de trabalho. In ARAÚJO, G. M. L. ; CARVALHO J. A. (orgs) *Atualização em língua portuguesa para professores de 2º grau*. Recife: 1993.